



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

SABERES E FAZERES: UMA NARRATIVA PARA ALÉM DOS SENTIDOS NO ROMANCE “TORTO ARADO”, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

KNOWLEDGE AND ACT: A NARRATIVE BEYOND THE SENSES IN THE NOVEL “TORTO ARADO”, BY ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Wagner Pereira de Souza¹ (PPGLetras)

Resumo:

Este trabalho analisa algumas vertentes que emergem da literatura afro-brasileira no romance contemporâneo *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. Nesse sentido, é colocada em evidência relações multissignificativas, entre outras, essa narrativa questiona com profunda veemência a questão escravagista em solo brasileiro, tema esse, mal resolvido até os dias atuais. Nesse prisma, a obra reflete sobre novas formas de escravidão e da vida sofrida do sertanejo no recôncavo baiano. As práticas místicas também ocupam lugar de destaque, assim como o forte protagonismo feminino. Somado a isso, é ressaltado também sobre as questões políticas; o denso apego à terra em que vivem as personagens e como lidam com esse confronto. Para explicitar esses fatos são adotadas algumas teorias que discutem ideias inerentes a essa narrativa. Entre as principais estão: Spivak (2010), por trazer conceitos em relação a subalternidade, o lugar desse subalterno pré-estabelecido socialmente e sua relação com essa realidade; Carvalho (2008), em virtude de suas contribuições sobre o estudo que reflete acerca do trato com o(s) outro(s) e como pensar esse outro de maneira coerente; Bruce-Mitford (1997), suas contribuições são efetivas para análise do evento religioso *Jarê* – elemento forte na narrativa – e também identificar a relação do mesmo desde a estrutura até os pormenores da obra; Duarte (2008), pelos estudos sobre os cinco principais conceitos estabelecidos por ele para identificar se uma produção pertence à literatura afro-brasileira são fulcrais para a referida análise. Nesses termos, são desenvolvidas as relações de estudo sobre o romance *Torto Arado*.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira. Romance *Torto Arado*. Protagonismo feminino. Itamar Vieira Junior.

Abstract:

This work analyzes some aspects that emerge from Afro-Brazilian literature in the contemporary novel *Torto Arado*, by Itamar Vieira Junior. In this sense, multi-significant relationships are highlighted, among others, this narrative questions with deep vehemence the issue of slavery on Brazilian soil, a theme that has not been resolved until today. In this perspective, the work reflects on new forms of slavery and the suffering life of the sertanejo in the Bahian Recôncavo. Mystical practices also occupy a prominent place, as well as the strong female role. Added to this, it is also highlighted on political issues; the dense attachment to the land in which the characters live and how they deal with this

¹ Professor efetivo de Língua Portuguesa da SEDUC/MT, Mestrando pelo PPGLetras: Programa de Pós-Graduação em Letras da UNEMAT, Sinop/MT. E-mail – wagner.souza@unemat.br.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

confrontation. To explain these facts, some theories are adopted that discuss ideas inherent to this narrative. Among the main ones are: Spivak (2010), for bringing concepts in relation to subalternity, the place of this socially pre-established subaltern and its relationship with this reality; Carvalho (2008), due to his contributions to the study that reflects on dealing with the other(s) and how to think about this other in a coherent way; Bruce-Mitford (1997), his contributions are effective in analyzing the Jarê religious event – a strong element in the narrative – and also identifying its relationship from the structure to the details of the work; Duarte (2008), for the studies on the five main concepts established by him to identify whether a production belongs to Afro-Brazilian literature, are central to the aforementioned analysis. In these terms, the study relations on the novel *Torto Arado* are developed.

Key words: Afro-Brazilian Literature. Novel *Cirved Plow*. Female protagonism. Itamar Vieira Junior.

Introdução

Composto por um misto impetuoso de linguagens, o romance *Torto Arado* traz à baila muitos temas para a discussão. Inicialmente, uma leitura um pouco desatenta poderá produzir no leitor uma sensação de que se trata de algo simples e fatos comuns. Entretanto, é nesse interim que reside a densidade desta obra, pois o autor, Itamar Junior, utiliza de fatos aparentemente comuns para através deles imbuir uma gama de sentidos, assim como o fez Jorge Amado, desafiando o leitor a desvendar questões frondosas que são levantadas através desta temática.

Publicado no ano de 2019, o romance *Torto Arado* lida com temáticas encrustadas da sociedade. A partir de uma leitura dos recursos ilustrativos da capa do livro já é possível inferir o tipo de ambiente que será encontrado na obra, pois a aridez da ilustração pressupõe uma certa escassez que via desde o físico até o psicológico a qual o leitor terá conhecimento ao imergir nas ondas tematizadas desta obra. Com isso, um biênio após o seu lançamento conquistou notáveis prêmios na categoria de literatura brasileira explicitando assim a sua importância para os estudos inerentes à essa temática.

Ambientalizado no sertão nordestino, precisamente na Bahia, a obra em análise narra os acontecidos de um grupo de pessoas que sobrevivem num espaço limitado e que demonstram ali seus apegos pelo chão em que vivem e uma eterna esperança de se conquistar a desfidelização dele. Dito de outra maneira, serem os donos de suas próprias terras. Neste sentido, emerge a sensação de que a realidade desses camponeses é a de análoga à escravidão,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

pois não possuem autoridade sobre o que plantam, colhem e constroem e, além do mais, as primícias sempre quem goza delas é o patrão.

Essa situação, rodeada de outros elementos produz uma percepção de impotencialidade, pois os moradores não podem sequer construir uma moradia com materiais perenes para não lhes proporcionar a impressão de que possuem direitos constituídos. Somado a isso, vê-se a precariedade em que se vive naquele local, embora aja uma perspectiva de melhora, de ascendência, a realidade se apresenta como um abismo intransponível.

Não é injusto dizer que nas palavras “Água Negra” que nomeiam a fazenda, espaço onde se desenvolve toda narrativa, ronda em torno delas multissignificados, pois a relação do vocábulo que exerce a função de adjetivo (negra), possui em estreito relacionado com próprios colonos que ali vivem, já que se trata de um quilombo, ou seja, negros que foram desalojados de seu habitat natural e agora estão nessa situação diaspórica. Outra vertente interpretativa é a de que se trata também de um paradoxo, uma vez que ao se referir à água, remete-se em primeiro pensamento a algo claro, transparente ou similares e como se vê, não é essa interpretação que se detêm dali. Nesse sentido, “negro” pode também ser a situação deficitária, a realidade, a dura cerviz em que essas pessoas ali vivem.

Sobre esse prisma, Gayatri Spivak (2010) explica que o ato de dizer é um aspecto muito importante na literatura, pois aquilo que não tem nome também não existe, se não é dito também não é materializado, por isso é preciso nomear para se dar significado. É sob essa ótica que ao designar o referido nome à fazenda – implicitamente – a obra está propondo discussões sobre questões da sociedade; problemas que não foram resolvidos; direito de pessoas e situações.

Deste modo, o ponto de vista do foco narrativo está sob o viés feminino alternado em três vozes. Assim como a obra está dividida em três distintas partes também o é as narradoras-personagens que conduzem cada uma dessas partes. A partir dessa premissa, nota-se que essa é uma das temáticas latentes em que a narrativa traz explicitando a questão do protagonismo feminino. Esse desfecho tem um de seus pontos culminantes principalmente na vida das irmãs, Bibiana e Belonísia, que em virtude de uma tragédia o destino se encarrega de pô-las em um relacionamento que vai para além de uma comunhão ou de uma união, tornando-se uma espécie de aglutinação, pelo menos por um período de tempo.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Outro fator que é claramente debatido nesta narrativa é a questão do misticismo. Vê-se que há uma prática religiosa recheada de crenças e rituais que funcionam como uma espécie de revelação do futuro e em que são praticados atos paramédicos vistos como um meio de promover curas por meio duma espécie de medicina alternativa herdada de seus antepassados. Sendo assim, através do *Jarê*² é que são materializadas as crenças e as ações. Liderado por Zeca Chapéu Grande, pai de Bibiana e Belonísia, o *Jarê* é o local em que esse líder acumula as funções de condutor religioso e curador, tanto das dores físicas quanto mentais dos fiéis por meio de saberes adquiridos, oriundos tanto da experiência de vida quanto de seus ancestrais.

Somado a isso, outra situação sofrida ali, é a similaridade do trabalho ao do período colonialista brasileiro, pois os habitantes desse local trocam seu trabalho pelo “direito” de se morar na terra. Juntamente com isso, as obrigаторiedades suprimem todas as possibilidades de ascensão de realidade, pois além da ausência de remuneração, as únicas ofertas que são lhes dadas é a de comprar mantimentos na venda do dono da fazenda, o labor de domingo a domingo e a dificuldade de se aposentar.

Desenvolvimento

Merece destaque, nesse contexto, o trabalho infantil para a fazenda, que assume uma proporcionalidade densa e com isso, gera um ciclo vicioso em que há uma grande probabilidade de as gerações vindouras repetir as mesmas práticas de seus ancestrais. Conjugado com essa situação, instaura-se um abismo quase que intransponível entre o trabalhador e seu futuro, pois

2 “O *Jarê*, diferentemente do candomblé, que surgiu no litoral do Brasil, se desenvolveu e se perpetuou exclusivamente na Chapada Diamantina. O povoamento não indígena dessa área interiorana teve início ainda no século XVII, mas os processos migratórios que mais marcaram a região aconteceram predominantemente no final do século XVIII e primeira metade do XIX, com a exploração de minério por meio do garimpo. A principal mercadoria dali extraída foi o diamante, que empresta seu nome à Chapada e marca uma divisão histórica dos municípios pertencentes à região conforme apresentassem ou não possibilidade de extração da pedra. As cidades mais antigas pertencem assim à região das lavras, no centro da Chapada Diamantina. O crescimento dos povoados no entorno se deu em função da necessidade de prover gêneros agrícolas às áreas de garimpo, bem como encontrar uma opção econômica viável nos períodos de intervalo entre os ciclos mineralógicos favoráveis, dando surgimento a uma zona propriamente agrícola na qual não havia caça ao diamante.” (BANAGGIA, 2017, p. 03)



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

[...] para aposentar era uma humilhação, pedir documento de imposto ou da terra para os donos da fazenda. Os homens se «amarravam» para entregar alguma coisa, além de explorar o trabalho sem pagamento dos que iam se aposentar. Às vezes chegava o dia de ir para a Previdência e o povo não havia conseguido reunir os documentos de que precisava. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 180)

Cabe salientar, no entanto, que este romance estabelece um denso diálogo com várias temáticas tornando-o multifacetado, de maneira que o leitor é impreterivelmente subordinado à leitura de suas páginas como se estivesse faminto por algo em virtude das múltiplas mensagens e o convite ao diálogo das suas entrelinhas. Portanto, não é injusto dizer que através do texto literário se tem a mão uma chave para acessar o mundo, conforme elucidado por Benjamim Abdala Junior.

Sendo assim, o romance *Torto Arado*, trata de uma pauta contemporânea em que as temáticas são debatidas implícita e explicitamente de maneira que as demandas sociais como: o trato com a pessoa negra; o protagonismo feminino; as questões da terra; as novas formas de escravidão entre tantas outras são trazidas para a discussão. Problemas esses que o Brasil ainda não deu conta de resolver e por isso é proveitoso rememorar o que foi teorizado por Spivak (2010) que é necessário nomear, dizer, falar, “colocar o dedo na ferida”, pois aquilo que não tem nome não consegue ser materializado e a proposta dessa obra vem com essa força para debater uma gama plural de atrocidades.

Discussões e relações

A divisão da obra em três partes distintas ultrapassa os limites da estrutura e imerge de maneira densa o campo dos significados, pois é possível perceber uma relação tênue entre essa escolha e todo o conteúdo do romance. Em consonância a essa questão, vejamos o significado do número 3 e como ele está imbuído nas camadas expressivas desse romance. Segundo *O livro ilustrado de signos e símbolos*

O número três, sagrado para a maioria das religiões, combina os números um e dois, de uma forma que abrange toda a vida e experiência. É nascimento,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

existência e morte; mente, corpo e alma; passado, presente e futuro; homem, mulher e menino. ³(BRUCE-MITFORD, 1997, p. 106) – [tradução nossa]

Somado a isso, percebe-se também que esse numeral possui uma estreita relação com a vertente religiosa e sendo essa uma das expressivas linhas de força temática desse romance. Ressaltada essa evidência que é latente no texto, o numeral 3 representa também “Três formas geométricas que unidas podem expressar a Trindade cristã, um Deus dividido em três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Portanto, em muitas igrejas encontra-se o símbolo arquitetônico do trevo.” ⁴ (BRUCE-MITFORD, 1997, p. 106, tradução nossa).

Destaca-se desse contexto, a importância em que a religião possui dentro da obra, pois ela é um dos pilares motrizes que conduz a narrativa. Nesse sentido, através dos rituais religiosos é que se dão a conhecer muitos saberes e fazeres que são ocultos fora dele, assim como as curas, tanto físicas quanto espirituais. Essa perspectiva aponta uma conversão para o “Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe...” cunhado por Ruy Duarte de Carvalho (2008), o líder do *Jarê* – Zeca Chapéu Grande – acolhe todos esses outros acometidos em suas mais diversas situações.

Sobre parte da atividade desse líder é dado a conhecer ao leitor na voz da narradora, Bibiana. Ela explica que seu progenitor

Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. Ao mesmo tempo que me orgulhava da deferência que lhe dedicavam, sofria por ter que dividir a casa com visitas nada discretas, gritando suas dores, seus desconhecimentos, impregnando-a com o cheiro de velas e incensos, com as cores das garrafas de remédios de raízes, com pessoas boas ou ruins, humildes ou inconvenientes, que se instalavam por semanas no nosso pequeno lar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 29)

3 “El número tres, sagrado para la mayoría de las religiones, combina los números uno y dos, de forma que comprende toda la vida y la experiencia. Es nacimiento, existencia y muerte; mente, cuerpo y alma; pasado, presente y futuro; hombre, mujer y niño.” (BRUCE-MITFORD, 1997, p. 106) – texto original.

4 “Tres formas geométricas unidas pueden expresar la Trinidad cristiana, un Dios dividido en tres: el Padre, el Hijo y el Espíritu Santo. Por ello, en muchas iglesias se encuentra el símbolo arquitectónico del trébol.” (BRUCE-MITFORD, 1997, p. 106) – texto original.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Percebe-se desse contexto que através do ofício religioso ocorre o acolhimento deste(s) outro(s) com suas dores tanto físicas quanto psicológicas. Essa situação está em consonância com o postulado enfatizado por Carvalho (2008) sobre a necessidade de se ouvir o outro, e aqui, ouvir transpassa o limite do significado morfológico, portanto, está pressuposto de que esse ouvir é acolher, ajudar, abrigar, libertar, assim como isso é refletido na prática desse líder espiritual.

Sobre outro viés, mas dentro da mesma ótica religiosa, é possível perceber a força que desponta desse ritual, pois o líder patriarca “(...) não era alfabetizado, assinava com o dedo de cortes e calos, de colher frutos e espinhos da mata.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 62), mas o saber místico lhe permitia confrontar os proprietários da terra quando emprestava a voz às entidades que incorporava. Dito de outra maneira, Zeca Chapéu Grande, não possuía a leitura da palavra, mas com muita maestria, tinha a da vida, a do mundo.

Conjugando ainda o numeral 3 com a narrativa, a terceira narradora – Santa Rita Pescadeira – é uma entidade que entra em cena e que faz também o fechamento da obra, e assim, como esse algarismo possui a sua significação a voz dessa narradora se manifesta pelo viés da religião. Sendo assim, percebe-se como o misticismo possui uma relação intrínseca com a vivência das personagens. Esse ambiente se representa como local de ascensão pela força mística impetrada na narrativa.

Torna-se possível, no entanto, estabelecer uma relação com a questão diaspórica, explicada por Hall (2003) em que os indivíduos buscam forças em um fator externo, pois “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora.” (HALL, 2003, p. 33)

Neste sentido, o outro mencionado por Hall se manifesta justamente na aparição dessa entidade a quem a personagem empresta a voz e através dela se desdobram as revelações místicas que são comuns no *Jarê*. Essa força externa do outro é o fator primordial e necessário para que se consuma nas práticas religiosas.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Presença e subalternidade

A narrativa desse romance é construída basicamente por personagens que se enquadram nesse adjetivo. Através dos recursos linguísticos, pode-se dizer que há, através de uma gradação, níveis de subalternidade, pois o espaço em que são desenvolvidas as tramas é um quilombo e que só a nomenclatura por si só já designa exclusão e esse local é habitado por muitas pessoas que não sabem se quer ler e escrever e ainda com mais intensidade uma das narradoras-protagonista, em virtude de uma tragédia, perde a língua. Impossibilitada de verbalizar, sua irmã é quem faz isso por ela durante um bom tempo. Observa-se desse contexto que a subalternidade vai se desenvolvendo nos estratos sociais previstos no romance.

Dentre esses fatores, é oportuno mencionar o postulado de Spivak (2010) que só o título da sua obra já dá muita discussão e marca uma estreita presença relacional com os fatos dessa obra. Trata-se da pergunta-título: *Pode o subalterno falar?*, pelo menos quatro inferências emergem dessa premissa, pois o questionamento icônico exige uma reflexão densa. Em primeiro momento, queria ela perguntar se o subalterno pode (no sentido de permissão) falar? Ou se esse subalterno pode no sentido de saber, ser capaz de falar? E mais, estaria ela surpresa ante a possibilidade de um subalterno falar? E, por último, estaria a teórica deixando uma janela aberta, uma lacuna, uma fresta interpretativa convidando o leitor para preenche-la?

Essas, são questões latentes no romance em análise, pois as personagens estão em busca de presença nesse espaço, algumas até conseguem, mas outras são silenciadas e soterradas de maneira que ficam somente a memória do que foram e fizeram. Mas mesmo assim com essa memória que uma vez trazida ao presente é que vai gerar o combustível que alimenta as tomadas de decisões. Nesse prisma, é invocado a questão da ancestralidade que marca uma considerável presença nesses atos.

Vitimada pelo acidente de ter decepado a própria língua, Belonísia reflete sobre a desagradável situação em que se encontrava com o seu casamento e as intempéries com Tobias, mas a recordação da ancestralidade a faz reforçar sua opinião e ter uma reação que talvez não fosse esperada para uma subalterna, pois

No início, encarava com inquietação os acessos de fúria que passou a apresentar. Antes eram mais contidos. Agora tinha perdido as estribeiras. Dali



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 114-115)

Na condição de subalterna, talvez, não fosse esperada essa reação, embora ela não pudesse verbalizar, mas isso não a impediria de falar através de atitudes, se fosse o caso. Essa questão conversa com a teoria de Spivak demonstrando que não é somente quem tem a voz física que pode falar, mas que também a voz da ancestralidade possui uma influência capaz de elevar até mesmo aquele de quem foi suprimida a voz física a ter voz no que tange a atos, tomada de decisão, se impor.

Essa personagem é construída sob uma ótica totalmente pervertida em relação ao senso comum do lugar feminino. Suas ações vão além do ato de narrar, elas constroem a autoria de sua própria história, ela aparece como um ser em que sua presença é indispensável para a manutenção da vida. Uma dessas situações se materializa em sua chegada em casa de Tobias, quando decide tornar aquele lugar habitável. Perplexa, reflete que “Precisava colocar um pouco de ordem naquele chiqueiro que passaria a ser minha casa, caso aguentasse. Fui para a cozinha, porque decidi que deveria começar por ali.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 105)

Neste sentido, a presença feminina ali simboliza o elo entre a sobrevivência como humano já que Tobias estava vivendo em situação análoga a de um suíno. Entre outros atos, esse, de uma subalterna de 3ª instância (quilombo – mulher negra – sem língua) é quem sim tem o poder de falar através da prática modificando aquele ambiente antes quase inabitável para o ser humano. Com isso, demonstra que o subalterno nem só pode, mas que também sabe falar.

Outra ocorrência que possui grande significância está na personagem Severo que, de antemão carrega consigo também as inerências do campo semântico do seu nome. Trabalhador braçal, mas que possui consciência de sua classe e também liderança política que o diferencia de vários colegas, além do mais galga da simpatia dos mais experientes. Sendo assim,

(...) Severo trabalha na roça e frequentava atividades no sindicato dos trabalhadores rurais. Estava aprendendo muitas coisas. Batalhava, apesar do medo e das adversidades, para melhorar a vida dos trabalhadores com quem compartilhava o fardo. Era admirado e respeitado até pelos mais velhos. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 124)



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Não é injusto dizer que, essa personagem está sim entre os subalternos e a sua atitude e vontade de ascensão o faz ir em busca de conhecimento para contribuir com sua classe a qual pertencia. Desse contexto, emergem questionamentos sobre as interrogações suscitadas anteriormente que, apesar de não ser um homem das letras vai em busca de caminhos afim de que sua voz seja ouvida. Junto a isso, é oportuno mencionar a sua preocupação com o outro que está em consonância com o postulado de Ruy Duarte de Carvalho (2008) que este é o “Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro (...)”.

Tem-se desse contexto uma personagem com o papel subalterno que começa a discursar alertando que seus companheiros estão em situação de escravidão. A reação do proletariado sinaliza que a voz de Severo se fez ser ouvida e não só pelos seus companheiros, mas também pelas pessoas que simbolizavam a elite, a lei, a classe dominante. Isso é tão evidente que silenciam sua voz com um assassinato ao qual nunca foi feito justiça, pois “O inquérito, depois de muitas oitivas e diligências, findou inconcluso.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 249)

Cabe salientar dessa questão, o fato de que através da voz e luta Severo, mesmo tendo lhe custado a vida, foi a de que pelo menos parte da sua ideologia foi alcançada, porém de maneira póstuma, mas já chegavam a conclusão de que não poderiam mais ser imperceptíveis, pois

Meses depois, a notícia dos assassinatos trouxe funcionários de órgãos públicos, que ouviram moradores num processo de reintegração de posse. Aquela chegada foi celebrada com alívio. Tudo permanecia incerto, não havia prazos para a solução do problema, mas aquela movimentação indicava que a existência de Água Negra já era um fato. Não eram mais invisíveis, nem mesmo poderiam ser ignorados. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 250)

Nesse interim, é possível observar que através da presença desse subalterno se mobilizou uma comunidade. Não foi necessário alguém lhe dar a voz, pois dar a voz a alguém também é uma forma de silenciá-lo. O outro precisa falar, precisa se pronunciar por si próprio. Somado a isso, é notório que ele preenche todos os requisitos que lhe conferem a condição de subalternidade: a da pobreza, o local social, a da cor, isso faz com que o subalterno permaneça “no lugar” demarcado ideologicamente e que lhe foi reservado. Um lugar que não é central,



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

mas periférico, não é dentro do, mas fora do círculo. Nesse sentido, a interrupção da vida da personagem Severo materializa essa prática.

Romance a prova de conceito

Muito se discute sobre as evidências em que uma obra deve ter para que seja por direito considerada originalmente como tema afro-brasileiro e sabe-se que este romance em análise possui de fato muitas evidências pelas quais merece ser acatado como tal. Neste sentido, o desenrolar da narrativa demonstra que o fio condutor está diretamente ligado aos elementos necessários que essa classificação exige.

Segundo o que aferiu Duarte (2008), “a literatura afro-brasileira passa por um momento rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus, na prosa e na poesia (...)”, ele enfatiza também que há um “debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária (...)”. Isso significa dizer que já na época de publicação de seus estudos já se contava com notáveis avanços dessa vertente as quais se materializam através do romance *Torto Arado*.

Juntamente a esses fatores, destaca-se neste estudo de Duarte (2008) – “Por um conceito de literatura afro-brasileira” – em que o teórico explana através de uma catalogação minuciosa, apreciações de outros estudiosos e discute algumas evidências as quais julga necessárias para que uma obra se configure e se enquadre como originalmente uma produção da temática afro-brasileira. Sintetizando esses fatores, explica que,

Em resumo, que elementos distinguiriam essa literatura? Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma *voz autoral afrodescendente*, explícita ou não no discurso; *temas afro-brasileiros*; *construções linguísticas* marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um *projeto de transitividade discursiva*, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um *ponto de vista ou lugar* de enunciação política e culturalmente identificado à *afrodescendência*, como fim e começo. Alertando para o fato de que se trata de um conceito em construção, [...] (DUARTE, 2008, p. 07) – grifos nossos.

Em razão do que já foi explicitado anteriormente, no romance em análise, os conceitos apontados pelo teórico são visivelmente identificados conferindo assim uma veracidade à



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

pertinência da obra aos temas afro-brasileiros. Nesse sentido cabe ressaltar ainda o alerta feito pelo estudioso em razão “de que se trata de um conceito em construção”, e por isso mesmo a necessidade de se atentar que poderão se somar a esses, outros conceitos.

De acordo com os resultados de seu estudo, ainda chama a atenção para o fato de que não basta que a obra contenha somente parte desses elementos, mas sim que a mesma aglutine e contemple a soma de todos eles. Cabe salientar, no entanto, que

A partir, portanto, da interação dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Tais componentes atuam como constantes discursivas presentes em textos de épocas distintas. Logo, emergem ao patamar de critérios diferenciadores e de pressupostos teórico-críticos a embasar e operacionalizar a leitura dessa produção. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes. (DUARTE, 2008, p. 15)

Se for válida, no entanto, essa análise esquemática, está pressuposto que a obra *Torto Arado* é a prova de conceito e cumpre os requisitos necessários para se configurar como fruto essencial de uma literatura afro-brasileira.

Considerações finais

Resumidamente, pode-se dizer que, esse estudo se ateve a explorar alguns elementos no romance *Torto Arado* com fulcro nos referenciais selecionados e estudados na disciplina “Literaturas e culturas Ibero-Afro-Americanas” – 2021/1 – ministrada pela professora Doutora: Vera Maquêa no curso de Pós-Graduação em nível de mestrado/doutorado do PPGEL/UNEMAT – campus Tangará da Serra.

Nesse sentido, optou-se em dividir a análise em quatro tópicos. Sendo que o primeiro – abordagens preliminares – buscou fazer uma sucinta descrição e características da obra analisada de maneira que o leitor possa se situar em como se desenvolveria o escopo desse trabalho. Seguindo a mesma linha de raciocínio, porém com mais imersão, o segundo tópico



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

versou sobre – discussões e relações – nessa etapa, o fulcro foi aproximar da narrativa, teorias que sustentassem e possibilitassem a análise dos dados.

Essa proposta de análise discutiu no terceiro tópico – presença e subalternidade – como que se dá esse processo na narrativa. Percebe-se que através de uma linguagem muito bem construída, a trama segue um nível de ascendência notável e com ela, desenvolve-se uma crescida presença do subalterno marcando espaços e desvendando situações “pré-determinadas” socialmente para ele.

Finalmente, buscou-se articular no último tópico – romance a prova de conceito – alguns juízos que regem e identificam uma obra como enquadrante na temática afro-brasileira. Para tanto, valeu-se dos estudos de Eduardo de Assis Duarte (2008), que elege pelo menos cinco conceitos que precisam existir dentro da produção para que ela se consagre como pertencente a esse universo literário.

Partindo dessas constatações, pode-se inferir que o romance *Torto Arado*, de Itamar Junior, promove um diálogo tênue com grandes obras do cânone literário brasileiro, entre elas: *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *O Quinze*, de Rachel de Queiroz; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, entre outros que tratam dessa temática latente mau-resolvida em solo brasileiro.

Ademais, sugere-se estudos posteriores que venham somar a esse e possam também tratar com mais profundidade o tema tendo vista de que essa obra é potencialmente rica em elementos suficientemente capazes de produzir análises consistentes e, além do mais, promover a expansão dos estudos literários afim de que mais leitores sejam impactados pela relevância desse livro.

Referências

BANAGGIA, Gabriel. Conexões afroindígenas no jarê da Chapada Diamantina. **Revista de antropologia da UFSCar R@U**, 9 (2), jul./dez. 2017: 123-133 – disponível em: http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/07_Gabriel_Banaggia.pdf - acesso em: 08 de jul. de 2021.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

BRUCE-MITFOR, Miranda. **El Libro Ilustrado de Signos y Símbolos**. Colonia Del Valle. México: Editorial Diana, S.A., 1997.

CARVALHO, Ruy Duarte. **Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro... ou Pré-manifesto neo-animista**. Tinta da China & Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/tempo-de-ouvir-o-outro-enquanto-o-outro-existe-antes-que-haja-so-o-outro-ou-p>. Acesso em 02 maio 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista: LITERAFRO/2008** – disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro. Acesso em 02 maio 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MAQUÊA, Vera. **Disciplina: Literaturas e culturas Ibero-Afro-Americanas**. PPGEL/UNEMAT – Tangará da Serra: 2021/1.

SPIVAK, Gayatri Chakravorti. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.